



DOSSIÊ TEMÁTICO:

**ÁFRICA(S) E EDUCAÇÃO ANTIRACISTA NA SALA DE AULA  
NA ÁFRICA E NO BRASIL**

Entrevista



**A Geografia no ensino superior em Moçambique**

*Por Alice Freia, Hagira Gelo Machute & Frédéric Monié*

*Alice Freia*

Professora de Didáctica de Geografia na  
Universidade Rovuma, Niassa, Moçambique.  
[orcid.org/0000-002-2619-4953](https://orcid.org/0000-002-2619-4953)  
Contato: [acbfreia@gmail.com](mailto:acbfreia@gmail.com)

*Hagira Naide Gelo Machute*

Doutoranda em Geografia, Universidade  
Pedagógica de Maputo, Moçambique,  
<https://orcid.org/0000-0002-1488-8894>  
<http://lattes.cnpq.br/6281365751273611>  
Contato: [hagiranaidegelo@gmail.com](mailto:hagiranaidegelo@gmail.com)

*Frédéric Monié*

Programa de Pós-Graduação em Geografia  
(PPGG), Universidade Federal do Rio de  
Janeiro; Coordenador do GeoÁfrica  
[orcid.org/0000-0002-8738-3301](https://orcid.org/0000-0002-8738-3301)  
Contato: [fredericmonie@igeo.ufrj.br](mailto:fredericmonie@igeo.ufrj.br)

**Biografia de Alice Freia:** Licenciada em  
ensino de Geografia pela Universidade  
Pedagógica, Beira. Mestrado e  
Doutoramento em Didáctica de disciplinas  
com ênfase em Geografia pela Universidade  
Paris VII – Denis Diderot, Paris. Professora  
de Didáctica de Geografia na Universidade  
Rovuma – Niassa, Moçambique. Pesquisa  
na área de Educação e processo de ensino-  
aprendizagem de Geografia.



Como citar:

FREIA, A; GELO MACHUTE, H; MONIÉ,  
F. A Geografia no ensino superior em  
Moçambique. **Boletim GeoÁfrica**, v. 3, n.  
9, p. 17-21, jan.-mar. 2024



## Entrevista de Alice Freia<sup>1</sup>

Boletim GeoÁfrica. *A Professora pode apresentar seu percurso acadêmico? O que levou a Senhora a se especializar na problemática do Ensino?*

Eu chamo-me Alice Castigo Binda Freia e iniciei a minha carreira na cidade da Beira, onde nasci e vivi até o ano 2000, quando passei a viver na cidade de Maputo. A área de ensino não estava nos meus planos iniciais, e acho que de muitos moçambicanos do meu tempo. Mas, depois da independência nacional, por causa da falta de professores e funcionários em todas as áreas, o governo adoptou uma “política de persuasão”. Denomino “política de persuasão” porque, para a maioria de nós, na altura, não havia possibilidades de escolha da profissão, a seguir no futuro. A pessoa terminava um nível e era sugerida a fazer determinado curso. Neste sentido, terminado o ciclo de aprendizagem, era afixada uma lista que indicava a continuação de estudos nos níveis subsequentes ou local de formação (profissionalização) e tipo de curso que cada aluno iria fazer. Um grupo era encaminhado para estudar dentro do país, isto é, em Moçambique e o outro grupo era orientado para fazer o curso em países como Cuba, ex República Democrática da Alemanha (RDA), ex União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e outros, sobretudo socialistas, com os quais Moçambique tinha acordos de cooperação.

Foi assim que para mim, quando terminei o nível médio, em 1983, o meu nome foi colocado na lista dos que iriam continuar os seus estudos na Escola de Formação e Educação de Professores (EFEP) na cidade da Beira. Não posso dizer que fiquei feliz com esta situação, pois nunca tinha imaginado ser professora. Contudo, não tinha outra solução para estudar e entre 1984 – 1985 fiz o curso e sou grata por ter encontrado bons professores que orientaram as aulas e o estágio supervisionado. Terminado o curso, e, tal como fui “forçada” a fazer o curso, não havia escolha para o local de trabalho, e em 1986 comecei a leccionar no centro educacional do Dondo (34 km da cidade da Beira), onde trabalhei com alunos do ensino primário (6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> classes).

Encontrando-me longe da casa dos meus pais, no mesmo ano solicitei transferência para a cidade da Beira tendo sido concedida em 1987, ano em que comecei a trabalhar na escola Sansão Mutemba, local onde permaneci até 1996, o ano em que passei a trabalhar na Direção Provincial de Educação de Sofala, na cidade da Beira.

---

<sup>1</sup> A entrevista foi realizada por e-mail. As respostas foram recebidas em 22 de abril de 2024



Entre 1991 e 1996 frequentei com sucesso o curso de Licenciatura em ensino de Geografia, na Universidade Pedagógica, delegação da Beira. O trabalho na escola, com alunos, acabou por envolver-me e desenvolvendo uma paixão pela sala de aula permitindo analisar a sala de aulas, a aluno, o professor e as suas condições de trabalho e a forma como a disciplina é leccionada.

*Boletim GeoÁfrica. A Geografia ocupa um lugar relevante no ensino fundamental e básico em Moçambique?*

Digamos que a Geografia já ocupou um lugar relevante no sistema educativo moçambicano com a sua inserção como disciplina escolar desde o ensino primário até ao ensino secundário. Hoje, esta disciplina encontra-se somente no ensino secundário. No ensino primário encontramos conteúdos de Geografia inseridos numa disciplina denominada, Ciências sociais.

No período colonial a Geografia escolar tinha a função de civilizar o indígena, torná-lo cidadão português e prepara-lo para a vida. Desta forma, a Geografia era uma disciplina para poucos moçambicanos com conteúdos sobre Portugal e história da pátria e corografia de Portugal e das colónias, sobretudo Moçambique.

Após a independência, com a reforma dos programas de ensino de modo a responderem às exigências da formação na nova sociedade, é introduzida a geografia de Moçambique e de África. De facto, os primeiros programas, de 1977, deviam responder ao objetivo de formar o homem novo. Este, alicerçado na geografia escolar, deveria conhecer os limites do solo pátrio, liquidar no seu espírito a visão regionalista da sua terra integrando-o no conjunto nacional e conhecer a localização e a posição de Moçambique na África e no mundo.

Neste sentido, até a entrada em vigor do plano curricular do ensino primário, em 2003, e consequentemente dos novos programas de ensino, esta disciplina iniciava no ensino primário. No ensino secundário os conteúdos geográficos estão subdivididos em Geografia física, Geografia humana e Geografia de Moçambique com uma carga horária de 2h semanais para o 1º ciclo e 3h semanais para o 2º ciclo.



Boletim GeoÁfrica. *Segundo a professora como os professores de Geografia em Moçambique estão abordando as mudanças no ensino e aprendizado da disciplina? Quais são, segundo a Senhora, os maiores desafios enfrentados pelo ensino superior da Geografia e a pesquisa geográfica em Moçambique?*

A nível do ensino superior há transformações curriculares que estão a ocorrer nos cursos de graduação de Geografia em Moçambique e que exigirão um “esforço adicional” dos professores no seu próprio desenvolvimento profissional. Entre os desafios que podem ser apontados eu destaco três:

a) Melhoria da qualidade de formação. A qualidade de formação deve ser repensada em duas perspectivas: currículo e desenvolvimento profissional. Na elaboração dos currículos de graduação deve-se ter em consideração os desafios actuais da sociedade moçambicana e a incorporação e a prática do trabalho de campo, ou seja, é necessária uma reflexão sobre as metodologias de ensino. Em relação ao desenvolvimento profissional é pertinente uma tomada de consciência da importância da formação contínua do professor.

b) Pesquisa. A universidade moçambicana está a passar por momentos muito interessantes na medida em que há pouco investimento na pesquisa e ao mesmo tempo as geógrafas e os geógrafos têm estado a organizar eventos e a produzir conhecimento. Temos exemplos da Associação de Geógrafos de Moçambique (GAM) que em 2023 realizou uma conferência cujo resultado será publicado em breve. O outro exemplo são as edições do boletim GeoÁfrica e outras publicações em revistas nacionais e internacionais. Todavia, reconheço que ainda tem-se muito trabalho e é fundamental, para uma universidade jovem como a nossa, a prática da pesquisa e, sobretudo a formação para a pesquisa.

c) Internacionalização. Um dos nove indicadores que constitui uma exigência do Conselho Nacional de Avaliação da Qualidade do Ensino Superior (CNAQ), para avaliação externa de cursos das instituições de ensino superior em Moçambique, é a internacionalização. Neste contexto é importante que os cursos de Geografia aprimorem os seus critérios de verificação que estão relacionados à mobilidade docente tanto na leccionação assim como na pesquisa, aumento das parcerias de investigação e publicação e elaborar a política de mobilidade de estudantes.



Boletim GeoÁfrica. *Como a Professora avalia o processo de descentralização do ensino superior que se traduziu pela criação de cursos de graduação no interior de Moçambique?*

Moçambique é um país com uma superfície total de 779.380km<sup>2</sup> e uma população de 28 milhões, de acordo com o censo de 2017. O país é composto por 11 províncias com 33,4% da população a viver na área urbana e 66,4% na área rural, falante de diferentes línguas e cultura diversa. Independente a 49 anos, com uma taxa de analfabetismo, sobretudo no meio rural de 50%, em 2017, é claro que não podia continuar com uma ou duas instituições de ensino superior a funcionarem na capital do país.

A importância do conhecimento científico para o desenvolvimento sócio-económico de um país e a democratização do ensino superior determinou a expansão deste ciclo de estudos para fora das capitais provinciais de modo a permitir o acesso aos cursos de graduação para a maioria dos moçambicanos.

21

Boletim GeoÁfrica. *Em que medida a tecnologia está sendo integrada no ensino de Geografia em Moçambique?*

A utilização da tecnologia no ensino ainda tem um longo caminho a ser percorrido, pois, existem dificuldades relacionadas com o acesso às tecnologias e a capacidade de utilizá-las, tanto para os alunos assim como para os professores, e isso foi visível aquando da covid 19. Aulas que ficaram por ser leccionadas, ou envio de apontamentos para os alunos, ora porque professor e aluno não tinham acesso ou não estavam preparados para trabalhar com as tecnologias. Aliás, a Estratégia de ciência, tecnologia e inovação de Moçambique, em 2006, reconhecia que era importante elevar a consciência das pessoas sobre as TICs, incentivando o ensino superior a estar na vanguarda desse processo.

No ensino da Geografia, de forma particular, a tecnologia está sendo integrada de forma tímida. Em Didáctica de Geografia, por exemplo, existe o conteúdo sobre novas tendências do ensino-aprendizagem da Geografia, que discute aspectos relacionados com as tecnologias no processo de ensino-aprendizagem da Geografia.